

Editorial

Sociedade Brasileira de DST: Unindo Forças para a Atenção Integral

Desde a realização do DST in Rio 1, em 1996, até o 4º Congresso da Sociedade Brasileira de DST em Manaus, DST 4-Manaus 2002, pode-se estabelecer uma curva ascendente quanto ao número de participantes e de trabalhos científicos nestes eventos, deixando evidente o tamanho e a qualidade do contingente de “decssetólogos” do Brasil. Paralelamente, pode-se apontar também que do ponto de vista organizacional ocorreram avanços, particularmente no que se refere à criação de regionais da nossa sociedade, distribuídas praticamente por todas as regiões do país. Pelo lado político podemos comemorar o fato de que, por indicação do Programa Nacional de DST e Aids, a SBDST, por meio da Regional de Pernambuco, será a realizadora, não só do V Congresso da Sociedade Brasileira de DST, mas também do V Congresso Brasileiro de Prevenção em DST e Aids e do I Congresso Brasileiro de Aids, simultaneamente em Recife. Tremendo desafio, mas principalmente o reconhecimento da capacidade e representatividade da SBDST.

Bem menos notório, mas, talvez, de importância similar, é o fato de que a Comissão Nacional de Aids, que desde o início da estruturação do Programa Nacional, há cerca de 20 anos, tem sido o principal órgão consultivo e assessor das políticas públicas de controle de DST e Aids no país, passou a denominar-se Comissão Nacional de DST e Aids, revelando assim uma tendência de maior compromisso do Ministério da Saúde no sentido de se buscar equidade entre o que se faz com a Aids e o que se faz com DST.

Percebe-se assim que o Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde do Brasil vem se movimentando no sentido de corrigir o que sempre parecer ser uma distorção, scñão um equívoco, ao agir de forma paralela nas ações de controle de DST e Aids, contrapondo-se subjetivamente ao que a ciência já

demonstrou cabalmente, ou seja, que dificilmente se controlará aids se não se controlar as demais DST.

Cabe aqui, biblicamente falando, interrogar: “Soaram as trombetas de Jericó? Caíram as muralhas?” Certamente ainda não, e o fato mais notório, ainda muito incipiente é a participação do movimento social (leia-se ONG ou OSC) nas atividades mais específicas de DST, sendo óbvio uma muitíssima maior participação no que se refere à aids. Certamente pela ainda muito maior visibilidade da aids, confrontado-se com as demais DST, do que decorre maior “facilidades” na obtenção de financiamentos.

Visibilidade para as DST, parece ser uma bandeira ou o lema que os “decssetólogos” precisam agitar agora. Estreitar parceria com o Programa Nacional e outras Instituições, ocupar espaços na mídia, intensificar pesquisas e publicações científicas, são as práticas mais “de acordo” com nosso perfil técnico. No entanto é fundamental uma guinada no rumo do movimento social, buscar estes parceiros que sempre estiveram aí, muitas vezes até desejosos de participar, mas que, talvez, não tenhamos sabido nos relacionar adequadamente. Em Recife, agosto de 2004 estaremos todos juntos, “decssetólogos”, “aidólogos” e “preventólogos”, no V Congresso da Sociedade Brasileira de DST-DST 5, V Congresso Brasileiro de Prevenção em DST e Aids e o I Congresso Brasileiro de Aids. É A HORA!!!

ADEL S. BENZAKEN
Presidenta da SBDST

JOSÉ CARLOS GOMES SARDINHA
1º Tesoureiro da SBDST